

Expresso das Ilhas: Notícia original



12-12-2009

“A crise está bastante profunda, sobretudo em São Vicente” – Rafael Vasconcelos

Graças à "tradição antiga" ligada ao ensino, o Mindelo merece "um estatuto especial" de cidade universitária, defendeu, em entrevista ao Expresso das Ilhas, o director executivo da Sociedade Comercial Vasconcelos Lopes. Rafael Vasconcelos alertou ainda para a necessidade de reforçar os transportes marítimos e eliminar a concorrência desleal da economia informal.

De que forma é que a crise afectou o mercado de São Vicente?

A crise está bastante profunda, sobretudo em São Vicente. Claro que a crise é estrutural, prejudica o desenvolvimento de qualquer país. Mas São Vicente ainda não reagiu à crise. Houve dois momentos distintos. No primeiro, sentiu-se uma baixa dos preços das matérias-primas, como o petróleo. Ou seja, nos meses seguintes, houve até alguma vantagem para a ilha. Num segundo momento, a população começou a gastar muito menos. Não sei dizer se tem a ver com uma diminuição das remessas dos emigrantes ou com um espírito de poupança. Agora, é preciso lembrar que a crise em São Vicente sempre existiu. Mas o mindelense conseguiu criar uma rede de entajuda bastante forte. Aqui não existe a mentalidade de entrar em pânico devido à crise, as pessoas já estão habituadas a tempos difíceis.

Para a Vasconcelos Lopes, como foi o ano de 2009?

Não foi bom, devido ao factor do mercado. As nossas vendas caíram mais de 15 por cento, seguramente. Nós trabalhamos com dois sectores: produtos alimentares e materiais de construção. A quebra sentiu-se mais na construção, onde houve uma diminuição superior a 22 por cento, muito acima do ramo alimentar.

Sente que essa queda está também ligada aos vários projectos turísticos previstos para São Vicente, mas por causa do embargo ao registo de terrenos?

Creio que os grandes projectos estão parados sobretudo por causa da crise. O sector privado em São Vicente tem trabalhado bem. Temos condições estruturais melhores do que outras ilhas. E o Governo está a fazer um bom trabalho. Na minha opinião, o que falta para ajudar São Vicente é uma estratégia que reúna o Governo e o poder local para apoiar os empresários.

De que forma seria esse apoio?

O Governo reduziu drasticamente o Imposto Único sobre os Rendimentos [IUR]. Mas a verdade é que continuamos a ter uma carga fiscal forte. Porque é que uma empresa com contabilidade organizada tem de pagar todas as suas responsabilidades fiscais e, ao lado, uma empresa informal vende os mesmos produtos e não tem essas obrigações? É este o principal problema para os empresários em São Vicente. Creio que é preciso mecanismos de controlo ou então apoio aos comerciantes informais para se desenvolverem. Têm de se criar fronteiras definidas. Isto acontece sobretudo no ramo alimentar onde os dois tipos de empresas vendem exactamente os mesmos produtos. Nós queremos sobreviver, mas é necessário colmatar estas questões.

Como avalia as medidas propostas pelo Governo no Orçamento de Estado para 2010?

A aceitação das propostas da Associação de Jovens Empresários [isenção do pagamento do IUR e menor contribuição para a Previdência Social durante os três primeiros anos de actividade] é um bom princípio. E é um bom sinal dos empresários, que estão mais próximo da especificidade desta ilha. Agora falta criar de facto este triângulo entre o poder local, o Governo e os empresários.

Acredita que São Vicente é mesmo um mercado específico, diferente das outras ilhas?

São Vicente, aliás, o Mindelo tem uma tradição antiga, um vasto historial ligado ao investimento no ensino, nomeadamente, a Escola Técnica. Eu defendo um estatuto especial para o Mindelo, como uma cidade universitária. Iria permitir resolver a questão do turismo. São Vicente não tem vocação para o mesmo turismo que o Sal, por exemplo. Esta ilha tem de apostar no turismo de permanência, através da prestação de serviços. A cidade universitária permitiria aumentar o consumo, através dos alunos e professores que virão morar no Mindelo, mesmo que seja por alguns anos.

E quanto à ligação com o Porto Grande, tendo em conta que está prevista uma zona logística em Cova d'Inglesa e uma zona franca no Lazareto?

A zona franca é um projecto antigo, que está congelado porque não houve um acompanhamento das leis. Não sei se vai trazer vantagens, mesmo que seja alargada a toda a ilha ou até a todo Cabo Verde. Isto porque há sempre o "handicap" dos transportes marítimos. Uma zona franca beneficia sobretudo a re-exportação de produtos. Ora, nós pagamos 600 euros [cerca de 66 contos] para trazer um contentor de Lisboa para Cabo Verde. Mas depois para o levar para São Tomé e Príncipe são precisos dois mil euros [quase 286 contos]! A questão operacional logística tem de ser resolvida. Mas, na minha visão, é algo que vai arrastar por bastante mais tempo. É só olhar aos custos...

Na última Feira Internacional de Cabo Verde, as jornadas técnicas falaram exactamente sobre os transportes marítimos. Concorda com o que foi dito, na altura, que os transportes inter-ilhas são o principal problema?

É um problema que tem de ser resolvido, sim. Sendo um arquipélago, temos uma logística complicada e cara. Não podemos ser competitivos desta forma. Na prática, temos dois mercados, entre os quais quase não há interacção. Os produtos chegam a São Vicente e são distribuídos pelo Barlavento, chegam a Santiago e seguem para o resto do Sotavento. É uma limitação grande.

A privatização dos serviços portuários, anunciada para o próximo ano, pode ajudar?

Sim, pode ajudar. Mas tem é que haver investidores externos interessados. Eu acho que é um sector de negócio viável em Cabo Verde. Até porque já existem e estão a ser criadas empresas privadas ligadas a este ramo.

Falando de Cabo Verde, no geral, qual foi o efeito da crise no mercado? O mercado está fraco. A nossa empresa depende de um mercado pequeno e, pelas questões logísticas de que já falei, não podemos pensar em novos mercados. O volume de negócios sofreu uma redução drástica. E isso abalou os contratos que nós tínhamos assinado com os fornecedores. Tivemos de recorrer em muitos casos à renegociação. Além disso, estamos a ter custos de armazenagem muito superiores ao normal, porque não há uma rotação de produtos tão rápida como anteriormente.

De que forma a Vasconcelos Lopes procura sair da crise?

Todas as crises trazem consigo oportunidades. Nós temos projectos, à espera das oportunidades que esta crise poderá criar. Pretendemos sobretudo trabalhar mais perto dos consumidores finais.

Estão a pensar em abrir um hipermercado no Mindelo? Honestamente, não temos ainda uma ideia definida...

Como vai ser 2010 em termos económicos?

Toda a gente espera que 2010 seja um ano melhor. Creio que haverá de certeza sinergias diferentes e novas formas de fazer negócio. Se as medidas propostas pela Associação dos Jovens Empresários forem aplicadas, vai haver uma classe empresarial mais diversificada, com mais empresas, o que vai incentivar a competitividade. Nesse caso, quem apresentar mais valias, aproveitando as oportunidades, sairá vencedor na pós-crise. E estes vencedores podem até nem ser empresas já estabelecidas.

A abertura do Aeroporto de São Pedro a voos internacionais vai ajudar São Vicente a ultrapassar a crise?

Isso vai revolucionar por completo o mercado de São Vicente. Vai trazer mais visitantes e esperamos que sejam pessoas que venham para ficar, para residir cá. Eu sei que a área hoteleira tem feito acordos com operadores turísticos para a realização de voos charter. A certificação do aeroporto vai ser muito importante para impulsionar o consumo na ilha.